

A HISTÓRIA ORAL COMO PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: PRIMEIRAS REFLEXÕES ACERCA DE UM PROJETO DE PESQUISA

FELIPE NÓBREGA FERREIRA^{*}
LISIANE CASTRO SOLDERA^{**}

RESUMO

As possibilidades de se trabalhar com a perspectiva da história oral em um projeto educacional são cada vez mais emergentes no cenário escolar, pois tal metodologia permite com que o aluno vivencie a história em nível prático. Por isso, o presente artigo tem o objetivo de trazer à baila as primeiras considerações de um projeto dentro do ensino escolar de História que vem sendo efetuado desde agosto de 2007 e que opera a partir das prerrogativas da oralidade. Assim, fazem-se presentes neste artigo as atividades realizadas pelo projeto desde então, bem como as reflexões e algumas conclusões preliminares sobre o alcance de tal proposta.

Pensar a utilização da História Oral¹ apenas em projetos que contemplam pesquisas de campo e realização de entrevistas seria restringir as possibilidades de uma abordagem histórica que ultrapassa a busca de fontes não-oficiais². Torna-se cada vez mais necessário ampliar o debate sobre o uso dessa “ferramenta” no ensino de História, tendo em vista que possibilita aos alunos entenderem-se enquanto participantes ativos do processo histórico. Justamente por esse motivo torna-se passível de ser usada em projetos sociais que contemplem uma nova perspectiva para o ensino de tal disciplina.

É acreditando nessa possibilidade de perspectiva de estudo que

^{*} Graduando do curso de História – Licenciatura – FURG; bolsista da FAPERGS.

^{**} Graduanda do curso de História – Licenciatura – FURG.

¹ Entendemos história oral conforme Thompson: “uma história construída em torno de pessoas. Admite heróis vindos não entre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem mais companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (1998, p. 44).

² THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998; GARRIDO, Joan Del Alcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 33-54, set. 1992-ago. 1993.

foi criado o projeto “A história oral como prática no ensino de História: o uso da oralidade no processo de construção da história local”. O projeto envolve um grupo de 22 alunos voluntários da 7.^a série do Ensino Fundamental do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), escola que fica dentro do Campus da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e atende a um público carente que reside, em sua grande maioria, no bairro contíguo ao Campus³.

O projeto vem sendo realizado desde o mês de agosto de 2007, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), sob a orientação da professora D.^{ra} Adriana Kivanski de Senna, do Departamento de Biblioteconomia e História (DBH) da FURG.

A proposta-chave do projeto é possibilitar aos alunos repensarem o seu papel dentro da sociedade, de modo a se conceberem como sujeitos capazes de compreender não só o sentido da história, mas a sua participação nesse processo. Por estar significativamente associado a questões educacionais, o projeto ainda contribui para a discussão acerca das práticas pedagógicas e concepções de história adotadas no ensino de História.

Dessa forma, o presente artigo busca configurar brevemente os pressupostos teóricos que sustentam tal projeto, para, em um segundo momento, expor reflexões e análises acerca de algumas atividades já desenvolvidas no primeiro semestre de trabalho, que compreende o período de agosto a dezembro de 2007.

No que tange, pois, à perspectiva teórico-metodológica⁴, a História Oral constitui peça chave, sendo, basicamente, apoiada nos pressupostos de Thompson, quando este se refere às possibilidades de obter sucesso em projetos que envolvam história local e metodologia da oralidade. Segundo Thompson (1998), esse tipo de projeto gera o debate e a cooperação entre os alunos, e ao mesmo tempo é capaz de promover uma reflexão entre eles a respeito de seu próprio papel dentro da sociedade enquanto indivíduos:

³ Importante é salientar que o projeto possui o caráter de trabalhar, assim como postula Scharader, *com* os alunos e não *sobre* os alunos.

⁴ Nossos pressupostos em relação à educação estão conectados a uma linha teórica que acredita na educação pela pesquisa. Encontramos em autores como Pedro Demo e Roque Moraes referenciais para tal concepção, pois, assim como o segundo, acreditamos que “Na educação pela pesquisa o professor transforma sua forma de considerar os alunos, vendo neles sujeitos autônomos, capazes de questionamento, argumentação e produção próprias. Assim, a educação pela pesquisa possibilita transformar os alunos, de objetos da relação pedagógica tradicional, em sujeitos do processo de sua aprendizagem” (MORAES, 2002, p. 136).

O simples fato da coleta de evidências transfere para o aluno uma “responsabilidade” que até então lhe era negada no processo histórico (...) vivenciam a história em nível prático, como processo de recriação do passado (THOMPSON, 1998, p. 219).

Além disso, conforme Fernandes, Vilarino e Gomes,

é preciso reforçar que a História Oral, quando adequadamente utilizada, coloca em xeque o conhecimento unilateral, baseado na erudição do livro didático, por exemplo, haja vista que as informações, os objetos e os depoimentos que o aluno traz de casa ou da comunidade em que vive para dentro do ambiente escolar, produzem uma outra verdade histórica, um outro conceito de mundo que pode e deve interagir com as macro-relações históricas que, não raras vezes, são apresentadas distantes, estanques e pouco atrativas para o corpo discente (2002, p. 248-249).

Também nos apoiamos no trabalho do historiador brasileiro Joaquim Justino Moura dos Santos, que realizou projeto semelhante em um bairro de periferia no Rio de Janeiro⁵. Santos evidencia que um trabalho com essa perspectiva possibilita aos alunos incluírem a si próprios, assim como a seus familiares, como partes vivas da história e não como ouvintes ou meros espectadores. Conforme o autor,

A reconstrução da história de um lugar ou de uma localidade implica partir do princípio de que a história está presente em todos os lugares, em todos os momentos. De que o lugar, seja quando, qual e onde for, integra-se historicamente a espaços e contextos mais amplos, a partir dos papéis e condições econômicas, políticas, sociais e culturais vividas no dia-dia por seus habitantes e por ele próprio, no município, no país e no mundo (SANTOS, 2002, p. 109).

Após a elucidação dos já referidos pressupostos teórico-metodológicos, abordaremos questões referentes ao nível prático do projeto, ou seja, relacionadas às atividades desenvolvidas em sala de aula. Cabe ressaltar que tais atividades foram realizadas semanalmente, nas dependências do CAIC.

Como proposta inicial, realizamos uma atividade de capacitação junto aos alunos, em que trabalhamos conceitos fundamentais e pertinentes para a realização do projeto. Cabe esclarecer que o que optamos por chamar de “capacitação” funcionou como uma preparação

⁵ SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *História do Lugar: um método de ensino e pesquisa para escolas de nível médio e fundamental. História, Ciências e Saúde. Manguinhos*, v. 9, 2002.

teórica, em que ministramos aulas buscando destacar a importância de uma história local. Para tanto, incitamos os alunos a refletirem sobre a seguinte questão: “O que é história?”

A análise dos conceitos permitiu fazermos um cruzamento das respostas obtidas com o conceito de história adotado por March Bloch⁶ no livro *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Das 22 respostas analisadas, o ponto de vista predominante foi o de que a História estuda o passado e as coisas antigas; uma minoria apresentou-se de acordo com o conceito de Bloch, o que pode ser observado, por exemplo, na frase “Eu faço história”.

Partindo desses resultados e do conceito norteador, iniciamos um trabalho de (des)construção do conceito de história. Essa atividade centrou-se no estabelecimento de relações entre história, passado e presente, tempo e homem, momentos em que os alunos eram incentivados a se posicionarem tanto de forma oral quanto escrita. Nesse momento pudemos observar a perplexidade dos alunos quando se depararam com a possibilidade de vislumbrarem a história não apenas como o estudo do passado e enquanto algo alheio a eles, mas também relacionada ao presente e ao seu cotidiano.

Com o intuito de registrar o desenvolvimento desse trabalho, optamos por fotografá-lo, para, assim, obtermos subsídios úteis à próxima atividade proposta, que foi a historicização das fotos. De posse das imagens, solicitamos aos alunos que escrevessem o que se lembravam no momento em que essas fotos foram tiradas, destacando aspectos como: o que estavam fazendo, falando, e outras lembranças que pudessem ser relatadas. Com isso voltamos ao conceito de Bloch, quando este trata da “escolha” (seleção) em história, entrando tanto no mérito da subjetividade e verdade em história, como na utilização de fontes não-escritas, tais como as imagens e as memórias.

Efetuamos, também, saídas de campo, em que os alunos circularam dentro do perímetro do Campus, reconhecendo os espaços e fotografando aquilo que se mostrasse significativo. Posteriormente, solicitamos que descrevessem os lugares fotografados, identificando as motivações pelas quais foram escolhidos. Essa tarefa nos possibilitou evidenciar que o processo de construção da história é diretamente relacionado com a seleção do que será analisado, bem como com as vivências do pesquisador.

⁶ “A História é busca, portanto escolha. Seu objeto não é o passado: ‘A própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda’. Seu objeto é o ‘homem’, ou melhor, ‘os homens’, e mais precisamente, ‘homens no tempo’” (BLOCH, 2001, p. 24).

Após essas atividades, ministramos aulas, nas quais expusemos aos alunos o que oficialmente se tem como processo de constituição histórica do bairro Castelo Branco II. As fontes utilizadas para tais aulas foram as disponíveis em periódicos locais e em monografias de conclusão de curso de discentes da própria FURG. Somado a isso, contamos com uma palestra do presidente do bairro Castelo Branco II sobre a história do mesmo do ponto de vista dos moradores e não mais baseada nos documentos oficiais. Todas as fontes nos deram subsídios para trabalhar temas como a fundação de cada lugar e como aconteceram as transformações de cada um deles, destacando pontos de imbricação entre os dois e as influências recíprocas possivelmente presentes.

Alguns alunos, apoiados no material disponibilizado, ficaram encarregados de reconstruir a história do bairro, de forma a destacarem aspectos que consideraram importantes. Para essa atividade, puderam contar também com relatos feitos por parentes e moradores do bairro. O que pretendemos nesse momento foi, efetivamente, possibilitar que, partindo da história local, se percebessem enquanto agentes da história.

Fernandes, Vilarino e Gomes (2002) abordam de forma pontual essa capacidade de se estreitar os laços entre o geral e o local:

A partir de um entendimento mais profundo e extenso da realidade particular de cada um e daquilo que imediatamente cerca o indivíduo é que se forjam os laços mais estreitos com contextos mais amplos. Ou, como assegurava Tolstói, “canta a tua aldeia e serás universal” (p. 242).

Com o intuito de gerar material útil para a conclusão do trabalho, os alunos realizaram entrevistas com professores e acadêmicos da Universidade de modo a evidenciarem suas opiniões quanto a importância da História. Essas entrevistas foram filmadas e as respostas analisadas pelos próprios alunos, sendo os resultados destinados à última atividade desta primeira etapa: a elaboração de um pequeno vídeo em formato de jornal.

No que se refere à filmagem e edição das imagens, contamos com o auxílio de um acadêmico do curso de Artes Visuais da FURG. O material audiovisual produzido pelos próprios alunos consistiu no relato e apresentação das tarefas realizadas até aquele momento. Tal produção demandou que cada um se encarregasse de uma tarefa específica para apresentar no jornal, como: o conceito de história, a história do bairro, a história da FURG e análises das entrevistas. É importante ressaltar que toda a base textual do jornal apoiou-se em textos redigidos pelos alunos, como forma de incentivarmos as construções discursivas por parte deles.

Diante de todas essas experiências, que contribuíram não só para alcançarmos os objetivos que propomos quando da elaboração deste projeto, mas também e principalmente para nossa trajetória enquanto futuros educadores, torna-se possível fazermos algumas considerações finais. Pelo fato de o projeto ainda não estar concluído, destacamos que as considerações não se constituem em análises definitivas, nem é essa nossa pretensão. Pretendemos evidenciar algumas das primeiras impressões que tivemos.

Acreditamos que nosso principal desafio – possibilitar aos alunos sentirem-se partícipes da história – foi parcialmente atingido. Pudemos constatar esse alcance primeiro no envolvimento dos alunos com o projeto, que a princípio se mostravam desinteressados, mas que se envolveram a partir do momento em que as atividades práticas começaram a ser desenvolvidas. Nesse sentido, e de acordo com nossa proposta, torna-se evidente a necessidade de trazer a disciplina de História para o nível prático, de modo a aproximar o aluno da mesma.

Além disso, as atividades realizadas foram também essenciais para alcançarmos esse objetivo. Ao centrarmos nossa atenção nos processos de desenvolvimento de cada atividade e não nos resultados que estas poderiam gerar, selecionamos uma série de tarefas cuja realização pelos alunos possibilitou-lhes entender o papel do ser humano nas construções históricas e, principalmente, entender que fazem parte da história.

Outro aspecto que precisa ser destacado diz respeito aos rumos do projeto e dos instrumentos utilizados para o seu desenvolvimento. Como referido anteriormente, a proposta inicial consistia em focar na História Oral. No entanto, conforme esta primeira etapa do projeto foi sendo colocada em prática, percebemos que seria de extrema relevância utilizar outros recursos, não só a História Oral, para o desenvolvimento do mesmo e alcance dos objetivos, como: imagens, memória... No entanto tal questão não foi de forma alguma encarada como problema, porque, além de acreditarmos que o método (caminho percorrido) deve permanecer sempre em aberto possibilitando incorporar novas “ferramentas”, esse posicionamento permite ainda abordarmos questões que não haviam sido previamente consideradas.

Dessa forma, analisando esse primeiro momento e diante das considerações efetuadas anteriormente, concluímos que essa primeira etapa foi satisfatória. Cabe mencionar que na próxima etapa, que será realizada no primeiro semestre de 2009, buscaremos focar nas questões pertinentes à História Oral, de modo a evidenciarmos as suas possibilidades enquanto instrumento pedagógico no ensino escolar de História.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERNANDEZ, E. P.; VILARINO, M. G. A.; GOMES, R. A. História oral: outras possibilidades para o ensino de história. In: PADRÓS, Enrique Serra (Org.). *Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar*. Porto Alegre: EST, 2002.

GARRIDO, Joan Del Alcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 33-54, set. 1992-ago. 1993.

MORAES, Roque. Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderes Marina do Rosário (Orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 9, n. 1, p. 105-125, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

